



Exílio, Pertencimento e Marginalidade em Hannah Arendt: a questão judaica em jogo.

Michael Böss em seu texto *Theorising Exile* defende que o exílio tem a sua etimologia na palavra latina *Exilium*. Essa palavra teria três diferentes definições na antiguidade: a primeira é referente ao deslocamento forçado de sua terra nativa de acordo com um édito ou sentença, a segunda é referente à expatriação penal ou banimento e a última ao estado e condição de expatriação penal para o estrangeiro¹. Segundo Böss na Idade Média o termo também poderia significar expatriação e ausência prolongada da terra nativa por decisão voluntária. Para o historiador a romantização do termo *exílio*, que se seguiu ao longo dos anos, pode ter sido influenciada pela bíblia e pela tradição judaica, que associavam o termo às narrativas do êxodo² e ao exílio babilônico. A teologia e a antropologia cristã também teriam adicionado novas dimensões espirituais derivadas da doutrina da expulsão do paraíso para o exílio na terra, no qual o homem vive em um estado de desespero à espera da solução e do retorno para a sua verdadeira casa imortal. Em seu texto, Böss enfatiza que o fenômeno do exílio não é algo moderno e sim um fenômeno extremamente antigo que teria atingido indivíduos e coletivos em diferentes momentos da história. O autor também defende que o exílio possui características individuais em cada nação, fazendo com que cada caso tenha que ser estudado individualmente em relação aos contextos históricos e expressões de cada língua, como podemos ver a seguir: “Other nations, of course, have had their own experiences and traditions of exile, which must be considered in their particular historical contexts and expressions.”³. No entanto, ele afirma que a característica chave que distingue o exilado do imigrante voluntário e do cosmopolita é a natureza fragmentada de sua mentalidade: a condição de nostalgia, a esperança constante de volta ao lugar de origem, a impressão de que foi deslocado e que está distante e a impressão de que vive fora de seu lugar. Para Böss a definição que

¹ BÖSS, Michael. *Theorising Exile*. In BÖSS, Michael, NORDIN, Irene G., and OLINDER, Britta. *Re-Mapping Exile*. Aarhus, DNK: Aarhus University Press, 2005. ProQuest ebrary. Web. 19 August 2014. p.2.

² A palavra Êxodo quer dizer “Saída”. Esse livro da bíblia conta a passagem que é considerada a mais importante para o povo de Israel: a saída dos israelitas do Egito, onde viviam como escravos. Essa libertação deu origem à primeira páscoa. Ao longo de 40 capítulos o livro relata além dos detalhes sobre a vida de escravidão, o nascimento e grande parte da vida de Moisés. A autoria do livro é atribuída a ele, profeta que viveu por volta de 1400 AC.

³ BÖSS, Michael., op. cit., p. 3.



apresenta o exilado como indivíduo deslocado, que se encontra no meio dos dois mundos - o que ele saiu e o que ele se destinou - está correta⁴.

Já o historiador italiano Enzo Traverso ao pensar as condições dos exilados no mundo contemporâneo chamou atenção para a possibilidade de uma produção intelectual avantajada oriunda da experiência do deslocamento. Segundo ele, as experiências de deslocamento, independente de suas causas e de suas interpretações, têm sido frequentemente fontes extraordinárias de produção intelectual. O indivíduo que se encontra obrigado a deixar seu país de origem e que se destina a um país de refúgio, passa a portar uma interpretação diferenciada dos acontecimentos, gerada em sua maioria pelo choque cultural e pelo olhar distanciado. Muitos exilados europeus passaram a produzir em continentes longínquos, como a América, reflexões sobre o que tinham passado e sobre o que estavam passando. Essa condição teria, segundo o historiador, possibilitado que eles assumissem o pioneirismo nas análises sobre a Era dos Extremos e sua violência⁵. Para Traverso a condição de membros de uma minoria estigmatizada, composta de excluídos e perseguidos teria exposto esses indivíduos a um observatório privilegiado das catástrofes que afetaram o mundo, principalmente no século XX.

“La distancia hace aparecer La realidad bajo outro aspecto, modifica las perspectivas, acentua o neutraliza tanto La empatia como La mirada crítica de lós observadores. Si bien estos últimos son exilados que están obligados a poner distancia y contemplar de lejos el mundo del que salieron, el efecto de extrañamiento derivado puede revelarse fructífero.”⁶

As diversas experiências de exílio têm tecido laços entre línguas e literatura, deixando marcas cosmopolitas e supranacionais.⁷ Além desses exilados representarem um marco na análise da Era dos Extremos e de sua violência, eles também marcam uma comparação cultural e literária entre os países. A distância faz a realidade aparecer sobre outro aspecto, modifica as perspectivas, acentua ou neutraliza tanto o olhar crítico como a simpatia dos observadores. É, no entanto, importante ressaltar que ela modifica o olhar, não necessariamente produz ideias novas, já que a hermenêutica da distância possui seus limites.

⁴BÖSS, Michael. Theorising Exile In BÖSS, Michael, NORDIN, Irene G., and OLINDER, Britta. Re-Mapping Exile. Aarhus, DNK: Aarhus University Press, 2005. ProQuest ebrary. Web. 19 August 2014 p.5.

⁵ TRAVERSO, Enzo. Exilio e Violencia in La Historia como Campo de Batalla. Fondo de Cultura, 2012.

⁶ Ibid. p. 283.

⁷ Ibid. p.237.



Instigada pelo argumento do pensamento crítico derivado das experiências de exílio contemporâneo, como afirmado por Enzo Traverso, me propus a buscar em uma das maiores intelectuais do século XX, Hannah Arendt, características que pudessem ser relacionadas à experiência do exílio. O conceito de exílio trabalhado por Michael Böss, como exposto rapidamente à cima, parecia corresponder com as características da vida da autora⁸, tornando possível o seu enquadramento. Ao longo da pesquisa, no entanto, esse enquadramento me pareceu cada vez mais limítrofe devido o surgimento de uma série de questões muito mais complexas. Partindo do pressuposto que o exilado é alguém que se encontra no meio de dois mundos, como afirmado por Böss, quais seriam os mundos de Hannah Arendt? E o que poderia ser considerado pertencimento para alguém que sempre viveu à margem de grupos? Sejam eles nacionais, religiosos ou políticos. Concordando que o exílio é uma questão individual e que só pode ser considerado exilado alguém que se considera exilado, como defendido por Traverso, será que podemos falar em exílio quando nos referimos a Hannah Arendt?

Ao compreender a complexidade da questão inicial - tentar identificar características do exílio na obra de Arendt - alguns passos se apresentaram como indispensáveis para a continuação do trabalho. Antes de tentar situar Arendt como exilada foi necessário reconstruir o seu primeiro mundo, o mundo original no qual ela nasceu, a fim de compará-lo com o segundo, aquele que ela se dirigiria na trajetória do exílio. Foi justamente aí que a complexidade do caso pôde aparecer. Hannah Arendt, mesmo tendo nascido no início do século XX na Alemanha, nunca se considerou alemã, como sustenta a correspondência entre ela e Karl Jaspers, seu orientador e amigo⁹. A

⁸ Hannah Arendt nasceu em Hannover, na Alemanha em 1906. Devido à fortificação do antissemitismo, principalmente após a ascensão do partido nacional socialista, Arendt se vê obrigada a deixar o território alemão, começando a sua trajetória de exilada. Ela fica anos morando no país vizinho, a França, e após a invasão desta se dirige ao exílio transatlântico, fixando-se nos Estados Unidos até os últimos dias de sua vida.

⁹ Em 1 de Janeiro de 1933, Arendt enviava uma carta a seu orientador Karl Jaspers posicionando-se a respeito da obra de Max Weber. Nessa carta ela é levada a refletir sobre o seu posicionamento frente ao nacionalismo alemão de Weber. Assim, sugere a Jaspers: "For me, Germany means my mother tongue, philosophy, and literature". A Alemanha de Arendt, a qual ela de alguma maneira pertencia, era baseada na filosofia, na língua e na literatura. Assim ela parece criar um novo sentido para a Alemanha, no qual ela, como judia, pudesse pertencer. Se o nacionalismo alemão enraizado na história do povo germânico excluía os judeus como concidadãos, Arendt, como excluída, via na sua língua materna, na



impossibilidade de se ver como alemã, por sua vez, se deu graças à sua judaicidade - condição irrefutável que se liga à existência por ser algo dado e não adquirido. Ao tentar analisar a condição judaica em Arendt - ainda tentando delimitar o mundo original da autora- pude, no entanto, perceber algo fundamental: a questão judaica, mais do que se apresentar como um dilema de pertencimento no primeiro mundo, aparece para Arendt como um lugar no qual ela sempre orientou seu norte histórico e político¹⁰. Em outras palavras, podemos afirmar que ao tentar conhecer o mundo no qual Arendt nasceu para uma posterior comparação com o mundo ao qual ela se dirigiu, encontramos um norte maior para a interpretação de suas obras: A questão judaica. De uma hora para outra esse trabalho se viu direcionado a essa questão. Não dar a devida importância à relação de Arendt com sua judaicidade parecia cada vez menos possível, dada à relevância desse ponto nos seus escritos, como mostra Ron Feldman: *“Como pária consciente comprometida, apesar de crítica, tanto com sua herança judaica quanto com sua herança europeia, seu projeto intelectual como um todo foi fundado na problemática da judaicidade no mundo moderno.”*¹¹

Assim sendo, a questão judaica, apresentada mais claramente em uma série de artigos livres publicados entre as décadas de 1930 e 1960 aparece como complementadora e de extrema importância para a análise de suas conhecidas obras, seja pelo terreno empírico que deriva o pensamento, seja pela condição de pertencimento da autora. Ao tentar mapear os mundos com que ela dialogou o leitor perceberá que a questão judaica esteve muito forte na construção da formulação de uma identidade, assim como no estabelecimento de uma posição política (conceito chave em sua obra). Sendo assim, a interpretação dos escritos judaicos e o questionamento sobre a

filosofia e na literatura uma espécie de pátria. Em outra carta enviada à Jaspers, datada de 17 de dezembro de 1946, Arendt ainda sustentava a sua posição em relação à língua alemã. Questionada por Jaspers sobre ser alemã ou judia, responde: “I never felt myself, either spontaneously or at my own insistence, to ‘be a german’. What remains is the language, and how important this is one learns only when, more nolens than volens, one speaks and writes other languages. Isn’t that enough?”.

¹⁰ Em uma carta a Jaspers datada de 29 de janeiro de 1949 Hannah Arendt afirmava “My literary existence, as opposed to my existence as a member of society, has two major roots: First, thanks to my husband, I have learned to think politically and see historically; and, second, I have refused to abandon the Jewish question as the focal point of my historical and political thinking.” Em ARENDT, Hannah; JASPERS, Karl. *Correspondence Hannah Arendt e Karl Jaspers 1926-1969*. Mariner Books, 1993.

¹¹ FELDMAN, Ron H. O judeu como pária: o caso de Hannah Arendt (1906-1975) p. 61. In ARENDT, Hannah. *Escritos judaicos*. Barueri, So: Amarilys, 2016.



relação de Hannah Arendt com questão judaica se torna imprescindível não só para a análise de sua condição de pertencimento como para uma leitura mais fiel das obras da autora. Por outro lado, não analisar a questão judaica em Arendt poderia resultar em uma interpretação menos fiel das obras, deixando passar conceitos-chaves trabalhados constantemente por ela, como por exemplo, o de *pária* e o de *parvenu*, apropriados de Bernard Lazare.

Distinguindo a judaicidade como algo que é dado, uma condição existencial da qual não se pode escapar, do judaísmo, um sistema de crenças que pode ser aceito ou rejeitado, podemos afirmar que a judaicidade fazia parte de seu *Ser*. Levantando a questão de pertencimento e ressaltando que os acontecimentos históricos externos à existência de Arendt puderam ressaltar a importância de sua judaicidade no mundo moderno, podemos afirmar que os escritos judaicos da autora, mais como terreno empírico do que exemplificações das ideias políticas, trazem chaves fundamentais para a interpretação de sua obra.

No entanto, é importante afirmar que a questão judaica não fica restrita à questão do pertencimento. As teorias políticas de Hannah Arendt estariam diretamente relacionadas às experiências sofridas por ela, assim como a sua escrita da história. Martine Leibovici em *Hannah Arendt, une Juive*, além de ressaltar que a experiência judaica de Arendt está de acordo com a maneira como ela se situa como judia e não com a tradição judaica em si, também argumenta que a experiência singular de Arendt como judia no século XX refletiu diretamente na forma com que a mesma interpretou os acontecimentos e norteou o seu pensamento para dar significações universais. Assim, a sua condição judaica moderna teria servido de introdução à sua teoria política e sua teoria política acabaria, por sua vez, iluminando a sua interpretação sobre a história do judaísmo.

Arendt, ao tentar situar a sua existência no espaço e no tempo busca refazer parte da história judaica, especialmente a história judaica moderna. Uma primeira tentativa pode ser observada em sua obra sobre Rahel Varnhagen, quando ela afirma:

Os judeus de idioma alemão e sua História são em conjunto um fenômeno único: nada comparável pode ser encontrado, mesmo em outras áreas de assimilação judaica. Investigar as circunstâncias e condições desse fenômeno, que entre outras coisas encontrou expressão em uma literalmente surpreendente riqueza de talento e



produtividade científica e intelectual, constitui uma tarefa histórica de primeira categoria, que, naturalmente, somente pode ser atacada agora, depois que a História dos judeus chegou a um fim.¹²

Um primeiro esforço de dialogar com a história dos judeus alemães revelaria à Arendt interpretações fundamentais sobre a relação existente entre história e política. Segundo ela, os judeus europeus careciam de conscientização histórica, principalmente no que diz respeito à história do antissemitismo e à história da emancipação política dos judeus. A falta de preocupação da comunidade judaica em compreender a própria história moderna se revelaria como causa de uma alienação política perigosa, responsável, em parte, pela exclusão social dos judeus¹³.

Comovida pelo argumento de Enzo Traverso sobre o olhar crítico oriundo das experiências de deslocamento e por concordar com a posição de Michael Böss sobre o exilado ser alguém que se encontra no meio de dois mundos, busquei relacionar Hannah Arendt aos casos de exílio contemporâneo, assumindo, precipitadamente, que os dois mundos de Arendt se voltariam a questões geográficas: mundo europeu e mundo norte-americano. Ao adentrar e analisar sua correspondência, assim como seus artigos livres, percebi que o primeiro mundo de Arendt, aquele mundo dado e irrefutável não se dirigia a um território, mas a uma condição: a sua judaicidade. Assim como que o segundo mundo não se referia aos Estados Unidos e sim ao mundo não judaico ocidental, do qual ela, através do diálogo, fez parte.

Bibliografia:

ADLER, Laure. **Nos passos de Hannah Arendt**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

AGAMBEN, Giorgio. **Politica Del exílio**. Traducido por Dante Bernardi Archipiélagos. Cuadernos de La cultura Barcelona, N° 26-27, 1996.

ARENDR, Hannah. **A Condição Humana**. Rio de Janeiro, forense universitária, 2010

ARENDR, Hannah. **Auschwitz et Jérusalem**, Agora, 1998.

ARENDR, Hannah; MC Carty, Mary. **Between Friends: The correspondence of Hannah Arendt and Mary Mc Carthy 1949-1975**. Harcourt, Brace, 1995.

¹² ARENDR, Hannah. Rahel Varnhagen. A Vida de um judia alemã na época do romantismo. Rio de Janeiro: Relume Dumara, 1994.p.12

¹³ ARENDR, Hannah. O iluminismo e a questão judaica. Em ARENDR, Hannah. Escritos judaicos. Barueri, So: Amariyls, 2016.



ARENDDT, Hannah. **Compreender: formação, exílio e totalitarismo**. São Paulo. Companhia das Letras, 2008.

ARENDDT, Hannah; HEIDEGGER, Martin. **Correspondência 1925-1975**. Relume Dumara, 2001.

ARENDDT, Hannah; JASPERS, Karl. **Correspondence Hannah Arendt e Karl Jaspers 1926-1969**. Mariner Books, 1993.

ARENDDT, Hannah. *Escritos Judaicos*. . Barueri, So: Amariyls, 2016.

ARENDDT, Hannah. **O declínio do Estado-nação e o fim dos direitos do homem** In *Origens do Totalitarismo*. São Paulo. Companhia das Letras, 1989.

ARENDDT, Hannah. **Rahel Varnhagen, a vida de uma judia alemã na época do romantismo**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994

BÖSS, Michael. **Theorising Exile** In BÖSS, Michael, NORDIN, Irene G., and OLINDER, Britta. *Re-Mapping Exile*. Aarhus, DNK: Aarhus University Press, 2005. ProQuest ebrary. Web. 19 August 2014. P5.

GROPPO, Bruno. **Exílios europeus no século XX** In *Diálogos*, DHI/UEM, v.6.

HOBSBAWM, Eric. **A Era dos Extremos** O breve século XX 1914-1991. São Paulo. Companhia das Letras, 1995.

JARDIM, Eduardo. **Hannah Arendt: pensadora da crise e de um novo início**. Rio de Janeiro. Civilização brasileira, 2011.

KOHLER, Lotte. **Within four walls: The correspondence between Hannah Arendt and Henrich Blucher 1936-1968**. Harcourt, 2000.

LEIBOVICI, Martine. *Hannah Arendt, une Juive. Experience, politique et histoire*. Midrash: Paris, 1998.

SCHITTINO, Renata. *Hannah Arendt: a política e a história*. Orientador: Marcelo Gantus Jasmin. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2009.

TRAVERSO, Enzo. **Exilio y Violência** In *La Historia como Campo de Batalla*. Fondo de Cultura.

YOUNG-BRUEL, *Por amor ao mundo*, Relume Dumará: Rio de Janeiro, 1997.

